

GULLANE, AFRICA FILMES, GLOBO FILMES e PANDORA FILMES apresentam



REGINA CASÉ em
QUE HORAS ELA VOLTA?
um filme de ANNA MUYLELAERT

CAMILA
MÁRDILA

KARINE
TELES

LOURENÇO
MUTARELLI

MICHEL
JOELSAS

HELENA
ALBERGARIA

GULLANE em associação com AFRICA FILMES em coprodução com GLOBO FILMES com distribuição PANDORA FILMES apresenta REGINA CASÉ em "QUE HORAS ELA VOLTA?" um filme de ANNA MUYLELAERT com CAMILA MÁRDILA, KARINE TELES, LOURENÇO MUTARELLI, MICHEL JOELSAS, HELENA ALBERGARIA
Direção de fotografia: BÁRBARA ALVAREZ direção de arte: MARCOS PEDROSO, THALES JUNQUEIRA montagem: KAREN HARLEYedição: FABIO TRUMMER, VITOR ARAÚJO música: PATRÍCIA FARIA figurino: ANDRÉ SIMONETTI, CLAUDIA KOPKE cenários: MARCOS FREIRE, ANDRÉ ANASTÁCIO
um filme de GABRIELA CUNHA baseado no roteiro de MIRIAM BIDERMAN, ABC, RICARDO REIS roteiro: PAULO GAMA roteiro de direção: LETÍCIA PRISCO, SUZY MILSTEIN produção de pós-produção: PATRÍCIA NELLY coordenação internacional: MANUELA MANDLER direção de produção: JAIR NETO
relações institucionais: ANA SAITO, MARIANA MECCHI coordenação executiva: SONIA HAMBURGHER produção executiva: CAIO GULLANE, CLAUDIA BÜSCHEL produção executiva: GUEL ARRAES produção por: CAIO GULLANE, FABIANO GULLANE, DEBORA IVANOV, ANNA MUYLELAERT roteiro e direção: ANNA MUYLELAERT

fquhorasfilme





QUE HORAS ELA VOLTA

de Anna Muylaert

Festival de Berlim – Prémio do Público
Festival Sundance – Prémio do Júri

SINOPSE CURTA

Val trabalha há vários anos para um casal abastado de São Paulo, tornando-se numa segunda mãe para o filho deste. A chegada súbita de Jessica, a filha que ela não pôde criar, vai agitar o quotidiano da vida familiar...

SINOPSE LONGA

Val é o tipo de empregada interna que leva o seu trabalho muito a sério. Usa a sua farda de criada impecavelmente engomada, enquanto serve canapés perfeitos; trabalha de manhã à noite ao serviço dos seus patrões abastados de São Paulo, cuidando também com amor do seu filho adolescente, que criou desde bebé. Tudo e todos estão no lugar certo nesta casa elegante até ao dia em que Jessica, a filha ambiciosa e inteligente de Val, regressa da cidade natal para fazer os exames de entrada na universidade. A presença confiante e jovial de Jessica vem destruir o equilíbrio de poder mudo, mas estrito existente naquela casa; Val tem de decidir a quem quer permanecer fiel e o que está disposta a sacrificar.

SOBRE A REALIZADORA



Anna Muylaert nasceu em 1964. Depois de ter realizado algumas curtas-metragens, incluindo A ORIGEM DOS BEBES SEGUNDO KIKI CAVALCANTI e ROCK PAULISTA, trabalhou como crítica de cinema em jornais e revistas importantes do Brasil como o Estado de São Paulo e Isto é.

Participou na criação de várias séries e espectáculos para crianças como MUNDO DA LUA, CASTELO RATIBUM, O MENINO, A FAVELA E AS TAMPAS DE PANELA, produzidos pela TV Cultura, DISNEY CRUIZ da SBT e UM MENINO MUITO MALUQUINHO da TV Brasil.

Em 2002 realizou a sua primeira longa-metragem, DURVAL DISCOS, vencedora de sete prémios no Festival de Cinema de Gramado, incluindo o de Melhor Filme. Em 2009 realizou a sua segunda longa-metragem, É PROIBIDO FUMAR, que recebeu mais de 30 prémios nacionais, incluindo o de Melhor Filme no Festival de Cinema de Brasília, o Grande Prémio da Academia de Brasileira de Cinema e o de Melhor Realização no Los Angeles Latino Film Festival.

Colaborou no argumento das longas-metragens XINGU, O ANO EM QUE MEUS PAIS SAÍRAM DE FÉRIAS e CASTELO RATIBUM dirigidos por Cao Hamburger, DESMUNDO de Alain Fresnot, QUANTO TEMPO DURA O AMOR? de Roberto Moreira e PRAIA DO FUTURO de Karim Ainouz. Colaborou ainda no argumento das séries de televisão FILHOS DO CARNAVAL e ALICE, para a HBO.

Em 2010 realizou o telefilme PARA ACEITÁ-LA, CONTINUE NA LINHA para a TV Cultura, que deu origem à longa-metragem CHAMADA A COBRAR. Ainda para a TV Cultura, em 2012 realizou o telefilme E ALÉM DE TUDO ME DEIXOU MUDO O VIOLÃO e no mesmo ano realizou dois episódios da série PREAMAR, para a HBO. Em 2013 foi directora geral da série AS CANALHAS para o canal GNT.

ENTREVISTA COM ANNA MUylaERT (REALIZADORA E ARGUMENTISTA)

Qual foi o ponto de partida de QUE HORAS ELA VOLTA?

Comecei a escrever o argumento há mais de 20 anos. Tinha acabado de ter um bebé e estava a começar a ter consciência do que significava "educar uma criança", do que representava essa tarefa, da sua nobreza, de certa forma. Apercebi-me como esta função era desvalorizada na cultura brasileira. À minha volta, pelo menos no mundo no qual me movia, em geral, as pessoas preferiam confiar o seu filho a uma ama, que se instalava nas suas casas, do que terem de cuidar elas próprias do bebé.

No entanto, estas amas tinham elas próprias filhos que tinham de deixar à guarda de outra pessoa qualquer, para poderem dedicar-se ao seu trabalho e integrar-se neste sistema.

Este paradoxo social afigurou-se-me como um dos mais marcantes no Brasil, pois são sempre as crianças quem mais perde neste processo, tanto do lado dos patrões como do das amas. Na verdade, isto revela um grande problema de base na nossa sociedade: o da educação. Será que esta pode realmente existir sem afecto? Será que o afecto se pode comprar? E, se sim, por que preço?



Como descreveria este filme?

Pode ser visto como um filme social, mas não só. A minha abordagem não consiste em julgar as personagens ou as suas acções, nem sequer em embelezá-las. Trata-se simplesmente de mostrar a verdade nua e crua.

A estrutura dramática é essencialmente seca, quase binária: primeiro a descrição das regras que regem as relações afectivas e sociais da alta burguesia de São Paulo, depois o modo como estas são abaladas pela chegada de Jessica, a filha da ama, que vai ultrapassar as linhas de fronteira e ocupar um espaço que *a priori* não deveria ocupar. É evidente que acaba por ser expulsa desse espaço. Será mesmo "posta no seu lugar". Só que esse "lugar" já não existe.

Como se processou este trabalho?

Primeiro, escrevi um argumento chamado A PORTA DA COZINHA, cuja intriga girava em torno da relação patrão/ama e que decorria num ambiente onírico. Cinco anos mais tarde, decidi adoptar um tom decididamente mais realista.

Alguns elementos já estavam estabelecidos: a filha da ama que desembarcava em São Paulo, que seguia o mesmo destino que a mãe, que deixava a vida para trás por um emprego de baixo salário... Depois, senti necessidade de introduzir uma nota de esperança. Durante esse processo de procura, que tinha também por objectivo não cair na facilidade do *happy end*, que seria artificial, o Brasil elegeu um presidente que vinha do Partido dos Trabalhadores e as coisas começaram a mudar no país. Foram então feitas muitas alterações à legislação laboral, tendo praticamente sido erradicada a figura da empregada interna.

Em 2013, no momento em que o filme entrou na fase de produção, voltei finalmente a sentar-me à secretária e reescrevi o argumento, de modo a reflectir as mudanças e os debates que surgiram na sociedade brasileira. Em vez de ser apenas uma rapariga meiga e desditosa, de certa forma um cliché, a filha da ama passou a ter uma personalidade suficientemente forte e nobre para enfrentar as convenções sociais regentes e, assim, virar as costas a um passado colonial.

Regina Casé é uma estrela no Brasil, uma das actrizes mais conhecidas e apreciadas pelo público no cinema e na televisão. Como a convenceu a interpretar o papel de uma empregada doméstica?

Conhecia a Regina há muito tempo e, além disso, sabia que era uma grande actriz, capaz de desempenhar qualquer papel. Já lhe tinha proposto que trabalhássemos juntas, mas ainda não tínhamos encontrado a oportunidade certa. Não escrevi este filme de propósito para ela, embora tenha querido desde o início que fosse interpretado por ela. A Regina mostrou-se logo à partida muito entusiasmada. Passámos muito tempo a falar sobre o projecto e sobre a sua personagem. Isto demorou cerca de cinco anos.



Como é que ela acabou por vestir a pele de Val?

A Regina Casé é uma atriz extremamente ocupada, entre o cinema e a televisão, onde é apresentadora de um programa muito popular no Brasil. Só conseguiu ficar livre uma semana antes da rodagem, por isso decidi imergi-la no ambiente do filme. Juntei-as, a ela e à Helena Albergaria (que faz o papel de Edna), durante uma tarde inteira, três horas seguidas, e pedi-lhes que fizessem um bolo, que o cozessem e que depois limpassem a cozinha. Achei que, para elas, era a melhor forma de prepararem os papéis e de verem o que podiam pôr delas próprias em cada personagem. A Regina tinha ido com roupa citadina, muito chique, mas a personagem de Val já lá estava. Fiquei muito emocionada, e ela também, por ver a que ponto estava convincente naquele papel. Não tive de lhe pedir mais nada: estava perfeita.

Trabalhou da mesma forma com todos os actores?

Sim. Não sou do género de dizer aos actores o que devem fazer, onde devem colocar-se, como devem deslocar-se, etc. Gosto que se apropriem livremente das suas personagens e que, depois, falemos sobre isso. Também ensaiei com a Regina a relação entre Val e Fabinho, primeiro enquanto criança, depois como adolescente. Trabalhámos igualmente o sotaque, porque Val vinha do nordeste do país, mais concretamente do Estado de Pernambuco, onde as pessoas falam de forma diferente, por vezes até trocando a ordem das palavras. Ainda consegui organizar uma viagem até perto do mar com toda a equipa, ou seja com a família toda. E tudo isto em sete dias!

Deixou a Regina Casé improvisar durante a rodagem?

Sim. Ela sabia os diálogos de cor, mas muitas vezes reformulava-os com as suas próprias palavras. Assim, improvisava mas mantinha-se fiel ao argumento.

Como escolheu a Camila Márdila que interpreta Jessica, a filha de Val?

Trabalhei com uma directora de *casting* que a tinha visto no teatro. Ao princípio, estava à procura de uma atriz que viesse de Pernambuco, por isso hesitei em aceitar a Camila, que é nascida e criada em Brasília (noroeste do Brasil). Mas ela acabou por se impor como sendo a escolha evidente. Além do mais, é extremamente parecida com a Regina com a idade dela.



A alquimia funciona perfeitamente entre as duas actrizes...

É verdade. A primeira vez que juntei a Regina e a Camila, elas não se conheciam. Coloquei-as uma de cada lado de um grande pano preto e propus-lhes que traçassem em conjunto os dez anos durante os quais Val não tinha visto a filha: uma espécie de conversa imaginária que viria a enriquecer as suas personagens. Tinha escrito um enredo que servia de base para o exercício. Depois fui e vim entre as duas, pedindo-lhes de cada vez para reagir e contra-reagir ao que a outra dizia. No fim do exercício, quando levantei o pano, caíram nos braços uma da outra. A cumplicidade que se estabeleceu é bem patente.

Quanto tempo durou a rodagem?

Apenas um mês. À partida, era uma pequena produção à qual o empenho de Regina Casé deu uma nova dimensão. O projecto não teria sido o mesmo com uma actriz desconhecida. A presença de uma verdadeira estrela permitiu chegar a um público mais popular no Brasil, o público que segue e que adora a Regina pelo que ela faz na televisão.

Teve um cuidado particular na composição dos quadros, quer no plano recorrente do corredor que separa o quarto dos pais do quarto de hóspedes, quer no da porta que separa a cozinha da sala de jantar, ou seja o mundo das domésticas do mundo dos patrões...

Sim. Os meus planos são planeados com muita antecedência. Aliás, sei sempre o que vou fazer e como vou fazer, antes mesmo de rodar as cenas. Costumo até fazer uma espécie de maquetes, a que chamo "demofilmes", um bocado como os músicos fazem demos das músicas para uma produtora ou uma editora musical. Na prática, isto significa que, antes de começar uma rodagem onde sei que seremos pelo menos sessenta pessoas diariamente no *plateau*, filmo em vídeo cada plano no próprio cenário da acção, com a ajuda dos actores e de um só assistente. Demora cerca de um dia, é um trabalho rápido e espontâneo, mas assim já sei qual será a forma definitiva do filme.

De que modo o seu filme estabelece a ligação entre o Brasil de ontem e o Brasil de hoje?

O filme retrata duas gerações de mulheres de origem humilde, que vêm ambas do nordeste do país. A personagem principal, Val, é uma empregada doméstica que respeita as normas antigas e os hábitos separatistas, aceitando assim ser tratada como "uma cidadã de segunda classe", segundo os próprios termos da filha. Jessica, a filha, é curiosa, determinada, obstinada, e reclama aquilo a que tem direito enquanto cidadã. Como ela própria diz: "Não me considero nem melhor nem pior que os outros".

REVISTA DE IMPRENSA

Um filme descontraído, luminoso e contestatário, que confirma que o cinema brasileiro está bem vivo.

“Efeito da moda ou simples coincidência, os raros filmes que nos têm chegado do cinema brasileiro desde há uns meses estabelecem um diálogo intrigante em torno do mesmo assunto: a fractura, social e étnica, que divide o país entre a sua burguesia branca e as populações negras precárias. Seja sob o tom de fábula fantástica (O SOM AO REDOR, de Kleber Mendonça Filho) ou de uma sátira (CASA GRANDE, de Fellipe Barbosa), todos eles traçam o retrato de uma sociedade brasileira desigual, cristalizada nas suas velhas estratificações de classes e nos seus reflexos xenófobos.

Quarta longa-metragem da antiga crítica de cinema Anna Muylaert, e primeira a ter distribuição em França, QUE HORAS ELA VOLTA expõe esta realidade em jeito de filme descontraído, que mistura a ternura de uma comédia de costumes com a acutilância de uma crítica social mordaz.

No cenário único de uma *villa* de São Paulo, o filme acompanha o percurso de Val (Regina Casé, estrela da televisão brasileira, aqui com um estilo burlesco encantador), uma empregada doméstica que trabalha há vinte anos às ordens de uma família endinheirada e disfuncional, para a qual cumpre as funções de governanta, de confidente e de mãe substituta. Uma vida de devoção quase cega, que é subitamente abalada pela chegada da filha de Val, adolescente sexy e emancipada, que vai fazer com que a mãe se aperceba do seu estado de extrema subserviência.”

Um tratado de moral com um humor surpreendentemente luminoso

“Retomando de TEOREMA de Pasolini o motivo arqui-clássico do intruso revelador, QUE HORAS ELA VOLTA observa com malícia o colapso de uma ilusão burguesa através de uma série de situações absurdas, desconfortáveis, equívocos, mesquinhices, que levantam o véu grotesco de um sistema de exploração social. Tratado de moral de humor surpreendentemente luminoso, atravessado aqui e ali por fulgurantes acessos de ironia, o filme esboça um quadro desinibido e bem-humorado da luta de classes, manifesta por vezes em simples olhares. O olhar superior e lascivo do rico proprietário que erotiza os corpos vindos das favelas; o olhar utilitário da velha burguesa que desumaniza os empregados domésticos; por fim, o olhar erguido de Val, extraordinária heroína resistente à qual o filme concede um final feliz exultante sob a forma de manifesto pela insurreição dos marginalizados.”

Les Inrockuptibles – Romain Blondeau

~~~~~

“Simultaneamente drama estival, reflexão sobre a educação e declaração de amor à juventude brasileira, esta hábil interrogação sobre os mecanismos de servidão é também uma história cheia de reviravoltas, que deve muito à sua actriz Régina Casé, memorável enquanto ama que silenciou durante demasiado tempo os seus desejos.” - **Première**

~~~~~

“Com o seu olhar matreiro e o seu sorriso firme como uma muralha, Regina Casé é uma Val de uma bondade desarmante, que gostamos particularmente de ver molhar os pés em plena noite na piscina dos patrões... por fim liberta.” - **Télérama**

~~~~~

“[O filme] dissecava com uma precisão cirúrgica e um humor acutilante temas como a diferença de classes, o amor de uma mãe versus o de uma ama e, ainda, a possibilidade de questionar ou de mudar os privilégios e o rumo de cada um.” - **The Hollywood Reporter**

~~~~~

Brasil ~ 111 min ~ 2014 ~ Distribuído por Alambique Filmes

